

PEDAGOGO (A) PROFESSOR (A) INICIANTE NA ATIVIDADE DOCENTE E SEUS ENFRENTAMENTOS EM INÍCIO DE CARREIRA

Thayná Guedes Assunção Martins ¹
Mary Gracy e Silva Lima ²

RESUMO

Este texto apresenta alguns dados produzidos em uma pesquisa que foi desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia de uma IES pública, na qual abordou análises diante da formação inicial de pedagogas e pedagogos da UEMA, campus Timon. À vista disso, estruturou-se como Objetivo Geral: Compreender como se deu a inserção do(a) pedagogo (a) professor (a) no campo de exercício de sua profissão, e de que modo as diferenças de Gênero se caracterizaram como potencializadoras nos enfrentamentos no início da docência. Quanto a metodologia abordada para a concretude da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio da plataforma Skype com 08 egressos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UEMA, bem como foram selecionados alguns referenciais bibliográficos que se tornaram de fundamental importância para a análise dos dados. Diante dos resultados revelados na pesquisa foi possível concluir que a fase inicial da docência é marcada por diversos encontros e desencontros, tais como a base teórica apreendida na academia que se faz de grande aliada nas situações do dia a dia da prática docente, e ao desencontro tem-se as desigualdades junto ao cenário educacional agravadas diante do fator gênero.

Palavras-chave: Formação Inicial, Questão de Gênero na docência, Professores Iniciais na docência, Curso de Pedagogia.

INTRODUÇÃO

O campo da formação inicial de professores (as) perpassa por diferentes contextos e perspectivas de análises quanto aos meandros da complexidade que é o cenário educacional, assim como o constituir-se professor (a), mas, sem dúvidas, uma das grandes questões que se encontram no entorno dessas pesquisas está no que aqui será designado como enfrentamentos no início da docência. A atividade professoral em sua fase inicial traz consigo variados sentimentos, dúvidas, inseguranças, mas também, carrega em si

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, e Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI, thaynaguedes1996@gmail.com;

² Professor orientador: doutora, Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Universidade Estadual do Piauí-UESPI, NEEP/UESPI. mgracysl@hotmail.com.

algo que o professor (a) iniciante possui como nenhum outro profissional docente, o entusiasmo e o desejo de mudança de uma dada realidade que se encontra, muitas vezes, estagnada por professores (as), devido a uma fase de consolidação na carreira e, conseqüentemente pouco instigados a promover mudanças.

A presente pesquisa trata-se de recorte do estudo desenvolvido em um trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, onde abordou diversos fatores relacionados a formação inicial de professores egressos da UEMA, campus Timon, possuindo caráter inovador e de grande relevância para a instituição, bem como para a sociedade no geral, haja vista que o estudo oportunizou diversos resultados apontados a partir das falas dos próprios egressos da instituição, assim como encaminhou algumas sugestões a partir da pesquisa para a superação dos obstáculos evidenciados pelos recém formados.

Alinhado a isso, essa pesquisa possui como questão problematizadora: Como ocorre a inserção dos pedagogos e pedagogas professores (as) no campo de exercício de sua profissão? Nesse sentido, tem-se como Objetivo Geral: Compreender como se deu a inserção do pedagogo (a) professor (a) no campo de exercício de sua profissão, e de que modo as diferenças de Gênero se caracterizaram como potencializadoras nos enfrentamentos no início da docência. Portanto, compreende-se que a inserção na carreira professoral propriamente dita perpassa por diversos fatores, tais como aspectos culturais, econômicos, morais, dentre outros, nos quais são intensificados a partir da distinção entre masculino e feminino e as características impostas culturalmente como pertencentes a cada gênero, o que é analisado no decorrer da presente pesquisa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objeto de estudo professores iniciantes na atividade docente, onde foi construído a partir de pesquisas bibliográficas e de campo, bem como o uso de documentos e estatísticas que demonstrem os níveis de inserção de profissionais na área de pedagogia no que diz respeito ao acesso de mulheres e homens no mercado de trabalho, além das falas de mulheres e homens recém egressos do curso de licenciatura plena em pedagogia oriundos da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.

Para realização deste estudo investigativo de cunho qualitativo, que para Minayo (2007), a pesquisa é qualitativa ao envolver a interpretação de valores, aspirações e atitudes, fenômenos inerentes à sociedade contemporânea. Essa forma de pesquisa

procura identificar os aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos de determinada sociedade, constituindo um dos principais fatores de enriquecimento de estudos referentes ao ser humano, seja em grupo ou de maneira individual.

Deu-se ênfase na pesquisa bibliográfica, e documental, onde foram realizadas também entrevistas semiestruturadas, de acordo com Gaskell e Bauer (2010), essa forma de entrevista procura estimular e encorajar um entrevistado ou entrevistada a relatar os principais aspectos relacionados a sua vida e do seu contexto social.

Os entrevistados foram professores e professoras, 04 do sexo masculino e 04 do sexo feminino, que possuíam de 1 a 3 anos de formados, que segundo Huberman (1995) os caracterizam como professores iniciantes. Todos atuantes na atividade docente e que realizaram sua formação inicial na Universidade Estadual do Maranhão, campus Timon, lócus da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Torna-se necessário afirmar que a docência como profissão requer enfrentamentos em seu dia a dia, nos quais perpassa desde a desvalorização salarial, o que desencadeia diversos fatores, tais como: carga horária de trabalho exaustiva, dado ao fato do profissional atuar em mais de uma instituição, os trabalhos que são levados para o espaço extra escolar, pois as atividades dos professores não encerram na sala de aula, a desmotivação face aos problemas diários com os alunos, o sistema, ou seja, com a realidade cotidiana do ambiente escolar. Essas causas citadas se encontram junto aos docentes em geral, no entanto, aos professores (as) iniciantes os mais agravantes, pois além de todas essas causas há dificuldade de ser professor (a) pedagogo (a) iniciante.

Essa qualificação gera uma série de características, nas quais encontram-se ligadas ao olhar desrespeitoso e desacreditado do professor (a) experiente sob o iniciante, os trabalhos mais burocráticos e técnicos que a docência exige e, na maioria das vezes, não é explorado enquanto estudante de graduação, a busca pela confiança dos alunos (as) e dos colegas de profissão sobre a valorização de seu desempenho como professor (a), e, muitas vezes, há um dado causador de mais resistência na profissão, quando se é pedagogo do sexo masculino, o que dado ao fato da feminização do curso, gera certa instabilidade na inserção desse profissional no universo da área pedagógica na docência.

É visto que diante do contexto da sala de aula a partir de suas especificidades, não se faz possível que haja métodos infalíveis para a atividade docente, nem a possibilidade da criação de um manual que garanta todas as possibilidades de encontros no trilhar da ação professoral, pois o cenário da sala de aula “incerta, singular, heterogênea- o que torna inaceitável qualquer racionalidade que garanta a *certeza do que dá certo*, do método infalível, da teoria que comanda uma prática.” (GRILLO, 2006, p. 75).

Nisso, o exercício docente apresenta diversas situações que não há como encontrar-se preparado, porque estas surgem dentro do contexto do inesperado, sempre diante da avidez de novas perguntas que necessitam e cobram respostas imediatas e que tragam consigo resultados. Desse modo, a identidade do professor (a) é constituída a partir de um equilíbrio entre as características pessoais e profissionais, pois conclui-se que suas ações o traduzem como pessoa do mesmo modo que a compreensão da humanidade do professor (a) auxilia na compreensão da prática profissional. (GRILLO, 2006).

No que concerne a formação e a prática professoral do professor (a) a construção da identidade advém de sua vida pessoal e profissional, pois a partir de seus valores éticos e morais pautará sua ação junto aos discentes. É, portanto, o tempo acompanhado das vivências que nele é experienciado que conduz o processo sempre contínuo do constituir-se professor (a), diante de uma identidade que transcende os limites da formação inicial dada nos cursos superiores de ensino.

Contudo, é imprescindível entender a importância dos conhecimentos adquiridos a partir do curso superior, nos quais busca-se realizar uma formação pautada pelos aspectos teóricos e práticos que se fortalecem à medida que o iniciante se insere no ofício propriamente dito. Para além desse aspecto há as desigualdades na profissão a partir do gênero, onde gera enfrentamentos ao público feminino e ao masculino que se insere na profissão pedagogo (a).

Nisso, a atuação professoral junto as habilitações destinadas ao pedagogo (a), configurada pela Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, se traduz em um ambiente predominantemente feminino, o que gera não ganhos nem mesmo para as mulheres, que inseridas diante da feminização do magistério não conquistam grandes ganhos financeiros ao longo da história, dada a desvalorização salarial pertencente a profissão. Portanto, essa discussão será iniciada a partir do que encontra-se imposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, (2006, art.

4º), onde nada consta que restrinja a presença masculina na formação no curso de Licenciatura em Pedagogia, a saber:

o curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Dessa maneira, não havendo restrições legais quanto a presença masculina nesse curso de formação, ainda é persistente o caráter excludente quanto aos homens professores pedagogos, o que legitima a feminização do curso de Pedagogia, agregando outro fator problemático, é a baixa remuneração salarial dos (as) pedagogos (as), dada a ideia investida nos primórdios desse processo, quando se entendia a presença feminina no mercado de trabalho não necessitando ser a renda principal da família, mas um suporte ao marido que era quem se concebia ser o “chefe de família”, e, portanto, quem deveria ganhar mais.

Aliado a isso, há o que pode ser visto nos estudos de Matos; Borelli (2013), destacando que o magistério era visto como uma profissão condizente com as atribuições ditas femininas, mas que também foi se constituindo sob um viés de desvalorização salarial, em que para se garantir um ganho razoável se fazia necessário o desenvolvimento da atividade docente em mais de um turno. Contudo, isso também, se fez de força para o crescimento da luta de melhores condições de atuação profissional e de salários, bem como, a presença de sindicatos manifestando a mobilização da categoria.

Diante do exposto, no tocante a feminização da profissão professor, sobretudo, ligada a Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, campo de atuação do pedagogo, e diante das análises dos dados, esta apresentada mais à frente no estudo, emerge como ponto de observância as perspectivas diferenciadas de atuação profissional para o pedagogo e pedagoga, dado o fator gênero. Logo, cabe refletir o que se configura gênero como uma categoria de análise.

Para Scott (1990), a utilização do uso da palavra gênero pelas feministas como uma maneira de se referir a organização social da relação entre sexos. Assim, a relação com a gramática é ao mesmo tempo explícita e cheia de possibilidades inexploradas. Explícita, porque o uso da gramática implica em regras formais que decorrem da

designação de masculino e feminino; cheia de possibilidades inexploradas, pois, em vários idiomas de países indo-europeus existe a terceira categoria, sexo indefinido ou neutro. Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais que uma descrição objetiva de traços inerentes.

Sendo assim, essa breve explanação sobre a inserção das mulheres diante do mercado de trabalho, tendo como um dos espaços mais destinados a estas as atividades de professora, sobretudo, infantil. Nisso, a profissão professor (a) vai se constituindo e fortalecendo-se como um campo de atuação feminizado, o que geraria uma série de fatores que resistem até os dias atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrada na carreira na atividade docente, propriamente dita, para os pedagogos e pedagogas se dá, na maioria dos casos, ainda no decorrer da graduação, dada as oportunidades que são ofertadas para estagiar em escolas da rede privada e pública de ensino. Diante disso, 90% dos entrevistados vivenciaram essa realidade no período de formação inicial. Assim, os relatos diante do contato primeiro com a prática docente se configuraram rodeada de inseguranças, como pode ser visto nas falas:

Os obstáculos que eu enfrentei foram muitos ((Risos)). [...] a dificuldade maior é você se questionar. “Será que eu estou preparado?” “Será que eu vou conseguir... Transmitir o conteúdo?” “Será que os alunos vão conseguir me ouvir” “Se eu vou conseguir ter domínio em sala de aula” “será que eles vão conseguir me respeitar como professor”. Então, são vários questionamentos que você se faz durante esse período e... A dificuldade grande é essa, né? De você se questionar, certo? [...] Então, o meu questionamento foi “Meu Deus! Será que eu vou conseguir?” Agora é uma turma minha (PEDAGOGO BH).

Tive muita insegurança. [...] Não falo de domínio de sala de aula, mas de questão pessoal mesmo de se fazer um trabalho bom, de se chegar no final do ano e você ter tido um bom resultado, principalmente com crianças do Maternal, porque eles exigem certo resultado no final do ano, né? (PEDAGOGA CM).

Ah. Foi muito difícil ((Risos)) muito difícil. Está em sala de aula, porque... A gente aprende é... planejar a aula, um seminário, uma microaula para a turma, mas é muito diferente de estar numa sala de aula, porque você tem que estar dentro dos assuntos e do cotidiano do aluno. (PEDAGOGA GM).

Apesar das experiências vividas antes da entrada na docência como pedagogas e pedagogos juramentados, estes perpassaram essa trajetória, acenando para as dificuldades, os medos. Professor PBH destaca suas inseguranças por meio de vários questionamentos, dos receios diante do que estava por vir. A professora PCM, apesar de se considerar preparada quanto ao domínio de sala de aula, preocupava-se com os resultados, se seriam atingidos no fim do ano letivo.

Assim, PGM complementa que se tratando de um período muito difícil em que apesar da preparação apreendida em sala de aula acadêmica, o campo do real se mostrou outro, permeado pelo inesperado e inusitado diante das vivências do dia a dia. Este é um caminho que carrega muitas adversidades, muitas emoções, como é o caso da professora PAM, que ao ter seu primeiro contato em sala *“Confesso que na primeira semana que eu fui para uma sala de aula, eu chorei ((Risos)) porque realmente eu levei um grande susto...”*.

Evidencia-se que mesmo diante de uma formação inicial pautada na construção e mobilização de saberes teóricos que circundam a prática professoral, esta não se constitui como suficiente para as vivências desenvolvidas na prática docente propriamente dita, pois como pontua Grillo (2006), esse é um campo incerto e singular, o que impossibilita uma constituição de métodos ao que será resolutivo diante de quaisquer circunstâncias oriundas da sala de aula. Portanto, a teoria toma forma como potencializadora diante de ações que podem surgir no contexto escolar, em que o docente munido da teoria, terá subsídios para melhor compreender e lidar com as adversidades da prática docente.

É visto a constante presença das dificuldades no início da carreira. Tornou-se importante refletir os obstáculos vividos de maneira distinta entre pedagogas e pedagogos, dado ao fator gênero. Nisso, coube indagá-los sobre suas percepções, se houve diferenças destinadas a professores pedagogos homens e mulheres no mercado de trabalho.

Aos entrevistados, homens e mulheres, oportunizaram-se a indagação a respeito desse assunto quando perguntados se percebiam diferenças destinadas a professores pedagogos homens e mulheres no mercado de trabalho, as falas foram unânimes quanto ao entendimento da grande carga preconceituosa existente na atuação profissional de pedagogos homens. Todas as falas se entrelaçam quanto a pior etapa de oportunidades, a da educação infantil, não vista como um campo de exercício docente por parte do público masculino. Nesse sentido, destacam-se algumas exposições:

Muita, muita, tanto é que eu trabalhei ano passado numa escola, de evangélicos e tanto é que... Teve uma colega que foi adentrar na outra escola e ele foi julgado pelo fato de ser homem e logo no primeiro mês ele quebrou todo esse paradigma, né? [...] Mas o que eu já ouvi em outras instituições foi que homem não dar certo para trabalhar em Educação Infantil, que os pais não aceitariam é... E isso são coisas que a gente acaba ouvindo de superiores, de gestores. [...] Mas é... Vou te dizer que profissionais da Educação Infantil, homens, pelas instituições que eu já passei eu nunca vi um, nunca vi um. (PEDAGOGA AM).

na minha escola só mulheres, não têm homens porque é Educação Infantil, mas nos estágios... Na minha sala mesmo, que tinha o Eduardo... Tinha só três homens, o Eduardo, o Fernando e o Marcio, eles tiveram certa dificuldade para encontrar escolas para o estagio e principalmente estagio na Educação Infantil. [...] Eu acredito que tenha esse preconceito, principalmente com o homem na Educação Infantil... (PEDAGOGA CM).

A professora PAM, relata perceber muitas diferenças no trato profissional, no que tange às oportunidades de emprego dado ao fator gênero. Constatando uma vivência observada a partir de um colega de trabalho, mesmo conseguindo a vaga de emprego, foi objeto de descrédito. O que evidencia as desigualdades sociais a partir da distinção homem-mulher, onde Joan Scott (1990), analisa que o Gênero é pontuado encontrando-se para além das distinções entre o binômio feminino e masculino, mas incorporando uma camada bem maior de sujeitos, ou seja, surgiu como uma maneira de referir-se as relações sociais entre os sexos, transcendendo os limites puramente biológicos e levando em consideração os aspectos sociais construídos culturalmente diante dos indivíduos, apontando características que devem ser femininas e masculinas.

E nesse movimento de distinções a partir do sexo, delimitando o que deve ser objeto de atuação feminina e masculina que as desigualdades sociais seguem ainda perpetuadas e causando enormes prejuízos aqueles que decidem, nesse caso específico, seguir a carreira da docência a partir do curso de Pedagogia. PAM destaca que há uma maior carga preconceituosa, sobretudo na educação infantil, espaço não visto como atuação masculina. Esse fato último é assegurado, também, pela professora PCM que atuando num ambiente exclusivo de educação infantil, não há presença de pedagogos no cenário, o que corrobora com a percepção apontada unanimemente pelos entrevistados e entrevistadas. Em meio a esse contexto discriminatório, houve um relato do professor PDH, que ao inserir-se no mercado profissional, conseguindo passar em um teste da rede privada de ensino, obteve a seguinte vivência:

eu participei de um seletivo e passei [...]mas foi com aquele olhar de desconfiança, de que eu não iria dar certo, porque era uma turma de 1º ano e eu era homem, a questão do preconceito e aconteceu um fato que eu gostaria de relatar, que no primeiro dia que eu cheguei à sala de aula, [...] eu terminei a aula e tudo e fui entregar eles para os pais e aí, no primeiro dia, uma mãe ligou para a diretora da escola e disse o seguinte. “Diretora!” “O que está acontecendo?” “Como é que tem um homem na sala de aula?” “Minha filha nunca teve aula com professor homem.” “Isso não vai dar certo”, “Eu vou ter que tirar minha filha da escola” “Eu não admito isso”. E a diretora conversou bastante com a mãe que tinha feito um processo bem rigoroso e que eu tinha passado em todas as etapas, que eu tinha sido recomendado e que já tinha visto meu perfil com outras pessoas e eu fiquei. E quando eu já estava finalizando o 1º semestre nessa escola, essa mesma mãe, eu entregando as avaliações de desempenho da filha dela, ela me confessou isso e me pediu desculpas, [...]Mas eu superei esse obstáculo com meu trabalho em sala de aula e mostrei para eles que um pedagogo, homem mesmo nas séries iniciais, ele é capaz de... Desenvolver seu trabalho, sem esse olhar de desconfiança, esse olhar que não vai dar certo, que o homem não é delicado para lidar com criança.(PEDAGOGO DH).

Essa vivência exposta por PDH, demonstra o descrédito ao pedagogo, isso nos dias atuais, em que as questões culturais impõem que as características do cuidar, o lidar com o ser infantil é papel feminino, chegando a sobrepor os aspectos profissionais de fato, as capacidades do candidato professor de ocupação da vaga à docência.

Assim, mesmo havendo um ponto positivo no caso de PDH, ocasionou e tornou visível uma prática que não se restringe a casos isolados, mas que se tornam cada vez mais frequentes, segundo os relatos observados, se faz uma realidade presente, possibilitando-se vagas menos rodeada de obstáculos nas séries iniciais do ensino fundamental, pois na educação infantil é uma presença inexistente no cotidiano dos recém egressos aqui ouvidos. Diante disso, fez-se importante analisar o número de ingressantes na Universidade Estadual do Maranhão, campus Timon, divididos por sexo.

Dados do primeiro e segundo semestre de 2014, e do primeiro semestre de 2015, disponibilizados pela UEMA, justificados pela temporalidade referente ao ingresso dos entrevistados nessa pesquisa, aponta que a maioria dos ingressantes no curso de licenciatura em pedagogia, se configurou sob um público, massivamente, feminino. De um total de 198 iniciantes no curso de pedagogia, no primeiro semestre de 2014, 176 eram mulheres, e, apenas, 22 do total eram homens. No segundo semestre, do mesmo ano, houve 163 ingressantes, em que 144 se fazia sob um público feminino, e 19 eram homens. No primeiro semestre de 2015, foram 175 adentrando o curso, sendo 151 mulheres, e 24 homens. Assim, vemos a feminilização do curso de pedagogia e suas consequências. (PROJETO PEDAGOGICO DO CURSO, 2015).

Nisso, é pertinente pensar até que ponto essa prevalência feminina se caracteriza como positiva, ao menos às mulheres, uma vez que os homens são colocados a margem no seio dessa profissão. Esses dilemas estão intimamente ligados aos aspectos econômicos e culturais que sem intencionalidades foi investindo na profissão do professor primário como intimamente ligada ao ser feminino, deixando de ser espaço masculino de atuação profissional. Para tanto, compreendeu-se a pertinência a respeito da temática de Gênero, tendo em vista que o curso de pedagogia possui uma historicidade feminina, pois essa categoria de análise emergiu diante dos diálogos produzidos para esse estudo.

Desse modo, mais forte é vista a feminização do magistério nos anos de 1835 e 1890, no entanto, até 1930 essa era uma profissão que atraía as mulheres de elite e setores médio da sociedade, o que se configurou como um campo propício de atuação feminina, pois estaria ligada às funções ditas femininas desenvolvidas no espaço do lar. É a partir de 1950, com o aumento da demanda educacional de crianças na escola, que se populariza a área profissional, havendo abertura para outros setores, menos abastados da sociedade, para inserção na profissão. (MATOS; BORELLI, 2013).

É visto que a feminização do magistério não se deu sem intencionalidades, mas ocorreu juntamente com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, em que se buscaram profissões que estivessem mais ligadas ao que se relacionava com a natureza feminina, ou seja, o cuidar. Contudo, essa abertura de oportunidades para atuação da mulher no mercado de trabalho não se fez com grandes ganhos às mulheres o que vai de encontro com a resposta das indagações empreendidas nessa análise, em que ocorre um distanciamento masculino do professorado, bem como, também relacionado às baixas remunerações salariais da profissão, em que:

A frequente identificação do exercício do magistério com um sacerdócio ajudou a difundir a ideia de que a “boa professora” não se preocupa com o pagamento, pois está concentrada na formação dos alunos. Esse foi um dos fatores que contribuíram para a queda no nível salarial da profissão ao longo do tempo. (MATOS; BORELLI, 2013, p.138).

A má remuneração para as mulheres, também, se fez forte componente na ocupação desse espaço pelo feminino em sua grande maioria, resultando em um descrédito masculino para o ambiente de trabalho e nas más condições de trabalho ao professorado, ainda, persistentes na contemporaneidade.

À vista do que foi exposto, o pedagogo tem o pleno direito de exercer a profissão em todas as suas vertentes, assim, como as mulheres, isso foi visto diante da legislação, DCNCP (2006), que não há distinções, ou especificações sobre a variante de gênero, e como todas as questões que estão no entorno das relações sociais de diferenças entre os indivíduos, ou proposições de comportamentos a partir do sexo, se traduzem em construções culturais, que imersas a um jogo de interesses do dado momento histórico em que se insere, se torna uma verdade e uma realidade imposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre os enfrentamentos diante da atividade docente do pedagogo (a) em meio a fase inicial na carreira docente, analisou-se o seu agravamento dado ao fator gênero na formação e atuação do(a) professor(a) Pedagogo(a), em que historicamente vem sendo inserida no cerne de uma profissão feminilizada, em que buscou-se destacar sua ação como uma extensão das atribuições que já são investidas na sociedade como intrínsecas ao ser feminino. Assim, é possível perceber a visível discrepância de oportunidades de atuação e de acesso, sobretudo, na educação infantil pela realidade histórica, entre pedagogos e pedagogas e os agravamentos decorrentes desse cenário, tanto aos homens, quanto para as mulheres, a saber, preconceito sobre aqueles do sexo masculino que buscam se inserir nesse mercado, e a baixa remuneração salarial.

Diante dos dados revelados na pesquisa, a partir da fala dos entrevistados (as), conclui-se que em meio as dificuldades enfrentadas em início de carreira docente a insegurança permeia tanto os pedagogos, quanto as pedagogas, o que se intensifica junto aos homens quanto a oportunidade de trabalho, onde muitas escolas optam por mulheres no desenvolvimento das atividades docente, sobretudo junto a educação infantil e séries iniciais, espaço de atuação do pedagogo (a).

À vista dessas análises e diante dos dados das entrevistas encaminhamos algumas sugestões para a resolução ou pelo menos uma queda das fragilidades dentro da formação inicial, torna-se urgente pesquisas e estudos no que se refere à formação e inserção do homem pedagogo nos espaço de atuação do pedagogo(a) desde a formação inicial, implantando discussões reflexivas que possam apresentar esses desencontros formativos que perpassam a realidade que será vivida no mundo profissional, e buscando a partir de então meios de conscientização do pessoal da escola, das redes de ensino e dos egressos

do curso de Pedagogia para iniciarem na prática docente com segurança para a atuação masculina e demais graduados.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n.1**, de 15 de maio de 2006. Diário Oficial da União, n. 92, seção 1. p. 1112, 16 maio 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/04.pdf>>. Acesso em: 29/09/2020.

GRILLO, Marlene. O professor e a docência: o encontro com o aluno. *In*: ENRICONE, Délcia. **Ser professor**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

HUBERMAN, Michael. O Ciclo de Vida Profissional dos Professores. *In*: NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995, P. 31-61.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SCOTT; Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, V.15.n.2.jul/dez.1990.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia do CESTI/UEMA**. Maranhão: UEMA, 2015.